
AUTOMUTILAÇÃO E RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Antonio Carlos Santos De Jesus¹

Resumo

O presente estudo objetivou investigar as concepções acerca da automutilação em estudantes negros/as com idade entre 12 e 20 anos em turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne – IME, localizado no município de Ilhéus - Bahia. A conjectura que alicerçou essa pesquisa é de que a automutilação praticada pelos estudantes negros na referida instituição de ensino tem relação com o racismo social. É um trabalho descritivo, de caráter investigativo e de natureza qualitativa, e tem como objetivo geral identificar quais são os efeitos da discriminação racial na prática automutilatória dos estudantes negros. Pretendemos contribuir para conscientização dos agentes da escola e da sociedade para os perigos que a automutilação provoca nos adolescentes/estudantes negros.

Palavras-chave: Automutilação. Racismo. Escola.

Introdução

O presente estudo objetivou investigar as concepções acerca da automutilação em estudantes negros/as com idade entre 12 e 20 anos em turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne – IME, localizado no município de Ilhéus - Bahia. A conjectura que alicerçou essa pesquisa é de que a automutilação praticada pelos estudantes negros na referida instituição de ensino tem relação com o racismo social. É um trabalho descritivo, de caráter investigativo e de natureza qualitativa, e tem como objetivo geral identificar quais são os efeitos da discriminação racial na prática automutilatória dos estudantes negros. Pretendemos contribuir para conscientização dos agentes da escola e da sociedade para os perigos que a automutilação provoca nos adolescentes/estudantes negros.²

A análise sobre automutilação ainda é escassa no universo educacional brasileiro, o que inquieta gestores(as) professores(as) e educadores(as) das escolas públicas, que frequentemente

¹ Graduado em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC/Itabuna) e Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (Campus Jorge Amado - Itabuna). Professor da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.

² O presente artigo sintetiza discussões elaboradas na dissertação *A automutilação como consequência do racismo entre os muros da escola* (JESUS, 2021).

afirmam sentir dificuldades no enfrentamento às práticas automutilatórias e à ausência de escuta dos(as) adolescentes acerca delas. A automutilação diz respeito à ação em que os sujeitos cortam seus próprios corpos com objetos cortantes ou pontiagudos, por diversos motivos (violência doméstica, racismo, drogas, violência sexual, entre outras). Consequentemente, estudos e discussões sobre a prática descrita tornam-se indispensável, visto que tem ocorrido vigorosamente no âmbito educacional e vem suscitando e angustiando os profissionais da educação. O estudo também é significativo porque permite problematizar as vivências desses sujeitos, o que eles/as realizam com o próprio corpo, suas motivações e os modos pelos quais eles(as) se constroem como sujeitos.

O IME é uma escola de grande porte, atendendo cerca de 1.344 estudantes, no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e na Educação de Jovens e Adultos. Os estudantes do IME são, em sua maioria pessoas de classe populares, incluindo os negros, que, se não tiverem a escola para garantir ou assegurar as mudanças sociais, enfrentaram entraves sociais como a violência, o desemprego e a ociosidade os assolarem, principalmente em tempos de epidemia da Covid-19, crise de Saúde Pública que incidiu diferencialmente naqueles oriundos de famílias socialmente vulneráveis ou baixa renda.

Segundo dados coletados através do questionário socioeconômico aplicado com estudantes da instituição sobre a volta às aulas híbridas, foi constatado que essa camada foi a mais atingida, seja por perda de empregos, problemas psicológicos decorrentes de óbitos na família ou com amigos próximos ou vizinhos. O público dessa instituição é heterogêneo, composto por jovens que trazem consigo histórias de racismo e relatam situações de preconceito e desigualdade social, convivem com altos índices de violência, e essa realidade ajuda a compor um universo bastante complexo de convivências que, neste momento, não pode ser mais um problema externo, mas um assunto que faz parte da teia das relações da instituição escolar.

Os desafios educacionais contemporâneos do IME são grandes e apresentam-se como elementos predominantes na comunidade escolar. Os principais são educação ambiental, questões de gênero, abordagem de como prevenir a violência e abuso sexuais sofridos por crianças, adolescentes e mulheres – sobretudo de etnia negra, porque elas são as que mais sofrem violências em todas as esferas da estrutura social –, abordagem sobre violência e preconceito contra a população LGBTQIA+, e, por fim, as relações étnico-raciais.

O racismo estrutural

O racismo é um sistema de poder e um modo historicamente constituído de dominação pautado pela discriminação e preconceito de forma direta ou indireta em oposição aos indivíduos ou grupos devido a sua etnia ou cor da pele. O racismo estrutural teve seu início antes da abolição e permanece até os dias atuais, contribuindo para o fortalecimento de uma estrutura social construída por esse sistema de exploração e servidão de corpos pretos. Esse sistema gera inúmeros boicotes como: marginalizações, exclusões, apropriações, violências, leis com propósitos inumanos que procuram inferiorizar a população preta. Mesmo depois da abolição, a cultura negra foi classificada como inapta, e, quando exposta, é sempre na idealização eurocêntrica e preconceituosa. Sílvio Almeida (2018, p. 40) argumenta que raça “é uma relação social, e significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos antagônicos”.

Almeida aborda três conceitos de racismo, o racismo individual, que versa o racismo como uma conduta do sujeito que pode ter ou tem um problema psicológico ou comportamental; o racismo institucional, que julga o racismo apenas como consequência e improdutivo nas instituições; e por fim o racismo estrutural, que tem o racismo como normalidade que atua como um conjunto de convicções e como práxis de naturalização de desigualdade. Há uma estrutura organizacional preconceituosa que causa exclusão e desigualdade social. Essa naturalização desenvolve condutas, práticas, circunstâncias, pensamentos e falas impregnados no cotidiano social da população brasileira, e que alavancam, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Um procedimento que afeta árdua e diariamente a etnia negra.

O corpo negro nas relações étnico-raciais

A escritora Grada Kilomba (2019, p. 56) descreve o processo racial através da metáfora de uma rainha que foi direcionada historicamente por um ideal de corpo branco:

A rainha é uma metáfora [...] do poder e também da ideia de que certos corpos pertencem a determinados lugares: uma rainha pertence naturalmente ao palácio “do conhecimento”, ao contrário da plebe, que não pode jamais alcançar uma posição de realeza. [...] Dizem-me que estou fora do lugar, porque em sua fantasia eu não posso ser a rainha, mas apenas a plebeia. Ela parece estar preocupada com

meu corpo como impróprio. No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, [...] corpos que sempre pertencem.

Como negar a existência do corpo negro, visto que ele está presente na composição da história humana, desbravou terras, continentes, construiu cidades, formou alianças, sempre esteve presente na linha de frente dos trabalhos braçais, defendeu e venceu lutas ocasionadas pelos brancos, mesmo sendo impedido de levar o mérito por isso. A história não seria a mesma sem esses guerreiros obstinados por reconhecimento, negar a participação desse corpo preto é negar a história. É no plano das representações que o corpo-negro desaparece na mentalidade – e na caneta – de quem escreve a história. Segundo Franz Fanon (2008, p. 104-5)

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objeto, descobri minha negridão, minhas características étnicas, e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas, na verdade, está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro.

Se os corpos negros não podem estar nos recintos apropriados que lhes são negados, conseqüentemente eles são refutados e constrangidos na sociedade em que estão inseridos e não servem como protagonistas ou representantes para essa sociedade, pois a divulgação do que é belo e do que é superior e sábio é a classe embranquecida. Diante desse contexto, Fanon (2008) descreve que o conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa, onde “reina uma atmosfera densa de incertezas”.

O corpo negro traz consigo o estereótipo histórico da coisificação e da subalternidade, que foram impostas por visões eurocêtricas solidificadas no período escravagista até os dias contemporâneos. Conceder à pessoa negra um estado de inércia é uma condição de inferioridade e impossibilidade de violação ou transformação social, a partir de uma representação imaginária e social que associa a negritude a imagens preconcebidas, tais como marginalidade, perversão, pobreza e banditismo. Essas são estratégias de autoritarismo social (práticas autoritárias e racistas

desenvolvidas desde o período colonial até os dias atuais pelos brancos), cujo êxito refletirá na política de negação do corpo negro como possuidor de direitos e cidadania.

O corpo negro é alvo de subjugação, de violência, de humilhação e de violações, além de ser desconsiderado dentro do processo de construção de cidadania brasileira. O filósofo Michel Foucault (1993, p. 80) descreve que “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”. Pensando através desse autor, não há nada além do corpo do que a execução de poder, que, a partir dessa discussão, se externa na negação do corpo negro e da negritude.

A automutilação como consequência do racismo entre os muros da escola

Mesmo havendo casos antigos e documentados de automutilação, o termo foi introduzido por Karl Menninger em 1938, quando registrou o crescimento da prática, classificando-a como um ato destrutivo, mas não suicida. Até o tempo presente, a prática é subnotificada, razão pela qual há poucas estatísticas e estudos (SILVA, 2012). A palavra mutilação tem sua origem no latim *mutilatio*, “ato de mutilar, cortar um membro” (CORREIA, 2010). No inglês, *cutting* sugere uma ação contínua, que acontece em um prolongamento do objeto (corpo) através do corte (DAVIS, 2005). Nessa direção, o objeto que recebe o corte, no interior do fenômeno da automutilação, não é outro senão o próprio corpo do sujeito, constituído e atravessado pela linguagem (CUKIERT, 2004). Porém, esse corpo não existe separadamente do indivíduo social, tampouco das ocorrências psíquicas que o constituem. O indivíduo se estabelece como aparição no campo simbólico.

Silva (2012) diz que há relatos na mitologia grega que descreviam casos de automutilação, em particular masculina. Segundo a autora, a descrição é do deus fenício da saúde e da cura Eshmun, que se castrou para se livrar das investidas amorosas da deusa Astonae. Devido à castração masculina, o ato ficou conhecida como Complexo de Eshmun.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (quinta edição) enquadra a automutilação no campo dos fenômenos sintomáticos que podem manifestar-se em diversos transtornos conhecidos, desde os Transtornos do Neurodesenvolvimento (APA, 2014, p. 78, 80), passando pelos Transtornos Dissociativos de Identidade (comportamento autolesivo predominante em mulheres, APA, 2014), até o Transtorno de Personalidade Borderline (APA, 2014).

A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde acrescenta a automutilação ao transtorno de personalidade com instabilidade emocional, desmembrado em transtorno da personalidade agressiva, borderline e explosivo “comportamento autodestrutivo, compreendendo tentativas de suicídio e gestos suicidas” (OMS, 2008, p. 60). Em contrapartida, a automutilação é especificamente mencionada como produção deliberada ou simulação de sintomas ou de incapacidades físicas ou psicológicas, tratando-se de sintoma simulado, como na Síndrome de Münchhausen (OMS, 2008, p. 68).

Para alguns autores, a automutilação deve ser considerada como uma síndrome comportamental distinta (AAP, 2011; FAVAZZA, 2006). Na atualidade, não há consenso sobre como classificar a automutilação. Esse fato acontece pela dificuldade por parte dos clínicos, autores e pesquisadores em consentirem com uma única definição ou nome para tal comportamento.

Favazza (1987) e Ross (1979) apontam que há mais de 30 diferentes termos usados na literatura para definir a automutilação. Alguns incluem condutas suicidas e hábitos de autoagressão, como o uso de drogas, o comportamento promíscuo e o ato que envolva risco de vida nas respectivas definições. Considerando a realidade social e escolar da automutilação, a presente pesquisa teve como objetivo identificar como o racismo e a discriminação racial (e/ou a percepção da discriminação) estão relacionados às práticas automutilatórias entre estudantes negros no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne, em Ilhéus - BA. A pesquisa foi realizada em turmas dos 8º e 9º anos, sendo 10 estudantes do 8º ano e 15 estudantes do 9º ano, sem distinção de gênero, totalizando um montante de 25 indivíduos que se autodeclaram negros/as, e que obtiveram autorização dos pais/responsáveis através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

A coleta dos dados foi feita em 2021 através de questionários em formato Word, que foram enviados via e-mail e WhatsApp, com prazo de 15 dias para o preenchimento. O questionário foi composto de vinte questões, quantitativas (múltipla escolha) e qualitativas (com respostas abertas e justificadas), sendo 3 fechadas e 17 abertas. A identidade dos participantes foi preservada.

Discussão

Os jovens (meninas e meninos) do estudo vivem em famílias em situação de vulnerabilidade social, com renda abaixo de três salários-mínimos per capita, sendo que alguns provêm de famílias

de pais, mães e responsáveis desempregados; alguns núcleos são chefiados por mulheres. Esses jovens não têm acesso a atividades de lazer artísticas e culturais. São jovens negros, moradores de periferias, ribeirinhos, quilombolas e até mesmo ciganos e indígenas.

Esses adolescentes jovens negros constantemente são estigmatizados pelos colegas na escola, e o espaço educacional se transformou em um local onde a automutilação se impõe como uma realidade cotidiana, o que torna o estudo desse tema algo imprescindível não só para a compreensão da estrutura organizacional escolar como para entender por que a escola pública no Brasil tem desenvolvido poucas estratégias político-pedagógicas adequadas para lidar com a saúde mental dos jovens educandos, que utilizam o espaço da escola, no nível das relações interpessoais, para trocarem experiências de sofrimento que levam à automutilação.

A automutilação, ao externar suas marcas corporais que também se configura como uma forma de comunicação desprovida de palavras e que exteriorizam o íntimo do indivíduo. Trabalhamos com a hipótese de que os jovens que praticam a automutilação tenham intensificado os cortes em seus corpos por estarem enclausurados por causa da pandemia provocada pela Covid-19. O desemprego, a falta de alimento, agressões físicas e o distanciamento social são fatores que contribuem para o desencadeamento da autolesão.

Pires (2005) argumenta que há outras formas de manipulação corporal que muitas vezes não são questionadas no meio social como produtoras de danos à saúde. As variadas formas de manipulação revelam a problemática da automutilação que, em conjunto de outras desigualdades, indica o caráter cruel que o racismo brasileiro desenvolve a partir da invisibilidade. Essa realidade contribui para o sentimento que faz parte do cotidiano das pessoas invisibilizadas e que são bombardeadas por estigmas raciais profundos (SAMPAIO, 2012).

O racismo deixa marcas traumáticas no sujeito, e os estudantes negros do IME que praticam a autolesão ainda não se sentem empoderados, amparados e confortáveis para falar sobre a automutilação, e isso ficou comprovado através da quantidade de estudantes que se negaram a responder o questionário, mesmo sabendo de sua finalidade e os familiares/responsáveis estarem cientes da temática. Falar sobre a automutilação ainda é um tabu, principalmente em relação ao racismo. Os personagens reais envolvidos nessa complexa teia não se sentem confortáveis para expor suas autolesões e suas dores psico.

São diversos os motivos que levam ou estão levando os adolescentes jovens negros estudantes do IME a praticar a automutilação. São experiências traumáticas que contribuem para o desenvolvimento da prática. No transcorrer da pesquisa, foi possível constatar que diversos fatores sociais foram apontados pelos estudantes como fio condutivo da autolesão. Entre os estudantes que se mutilam, são mais usuais os seguintes relatos: abuso sexual, violência física e domiciliar, perda de entes queridos, alcoolismo na família, envolvimento com drogas/tráfico na família, separação dos pais, convivências parentais disfuncionais, orientação sexual, bullying e racismo por haverem sofrido negligência emocional ou física, entre outros.

O racismo pode causar danos psicológicos no sujeito negro, assim como o Bullying, que está relacionado a fatores raciais. Tais danos ajudam a compreender por que negros relutam em assumir sua negritude, e estão ligados a fatores como: à motivação, à autoestima, aceitação por determinado grupo e a construção de novos saberes. Quando perguntados se já havia sofrido preconceitos no IME, e que descrevessem a experiência de preconceito (racismo, machismo, preconceito religioso, entre outros) por exemplo, todos os entrevistados/as responderem afirmativamente que sim.

Em uma das questões, foi perguntado aos participantes da pesquisa como eles conheceram ou descobriram a automutilação. Todos disseram que conhecem outras pessoas que praticam a autolesão, e o IME foi um dos principais locais em que os sujeitos declararam ter conhecido a prática através de outros estudantes. A partir das respostas apresentadas sobre ter conhecido a automutilação através de amigos no IME, presumimos que a escola é um território de reverberação que causa angústia e opressão de saúde mental, o que permite o aumento das sequelas que envolve, sobretudo o sofrimento dos estudantes negros, violências física, sexual e psicológica, solidão, precariedade socioeconômica, relação angustiante com o racismo e a automutilação, impedindo o nascimento de grandes amizades entre os colegas.

Muitos dos sujeitos que cometem ou cometeram a automutilação e que estão participando desse estudo desenvolveram o hábito da autolesão na puberdade, por volta dos oito anos de idade, e alguns continuam praticando até os dias atuais. Embora já tenham atingido a maioridade (18 anos), a incidência é maior entre o sexo feminino. Informação que foi confirmada através do questionário, quando perguntamos “Quais são as razões ou motivos que o/a levou ao comportamento automutilatório?”. Entre os dez entrevistados, 8 são meninas, uma respondeu que não está mais praticando automutilação, as demais responderam que

sim, ainda praticam. Com relação aos meninos, dentre os 2 que responderam à mesma questão, só um afirmou que sim e o outro respondeu não. Quando perguntamos quais eram os lugares do corpo que eles/as costumavam cortar, os estudantes responderam:

Tabela 1

Pernas	6 %
Antebraços	5 %
Abaixo dos seios	3 %
Punhos	5 %
Braços	6 %
Pernas	6 %
Coxas	6%
Costelas	7 %
Próximo às virilhas	2 %
Na vulva	3 %
Nas batatas das pernas	8 %
Na parte de dentro das coxas	8 %
Tornozelos	4 %
Parte de dentro dos braços	8 %
Abdômen	6 %

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com questionário, 2021.

É preciso ressaltar que os sujeitos que participaram do estudo apontaram mais de um lugar do corpo que é cortado. Os dados demonstram que os lugares escolhidos não são visíveis. Quando esses adolescentes jovens negros optam por partes do corpo que não são visíveis, eles também demonstram uma preocupação quanto ao corpo marcado pelas cicatrizes. Isso é uma clara preocupação com o racismo, pois o negro já é estigmatizado pela sociedade, e ao se deparar com um sujeito com marcas nos braços decorrentes da automutilação, provavelmente ele/ela enfrentará outra camada de rejeição. Essa junção do racismo com a automutilação os leva a produzir marcadores traumáticos que os conduzem a um lugar de dor e angústia, embora ao mesmo tempo não demonstrem entender o que está ocorrendo com eles/elas.

Outra questão abordada no questionário da pesquisa foi sobre os objetos utilizados para fazer os cortes. Foram mencionados lâmina de apontador, vidro, estilete, faca, lâmina de aparelho de depilação, lápis, caneta, gillette, tampa de caneta, prestobarba, entre outros. Esses objetos foram

citados pelos praticantes sem distinção de gênero, deixando transparecer que não parece existir preferência por um determinado objeto, seja ele cortante ou pontiagudo.

A pesquisa apontou que 50% dos participantes do estudo praticam automutilação dentro do IME, e outros 50% em suas casas. Em seus domicílios, os locais preferidos são banheiros e seus quartos, já na escola o local é o banheiro. Por que a toaleta é classificada como um lugar de subalternidade? Epistemologicamente, esse espaço revela muito conhecimento, o que significa que devemos conhecê-lo melhor, seja em nossas casas ou na escola. É através desse espaço que todos nós nos conhecemos melhor, é quando você deixa as máscaras de lado e passa a assumir sua verdadeira personalidade, sem dissimulações, sem subterfúgios; as angústias aparecem, é o momento de você com você mesmo. Mas ao sair desse local, o sujeito veste sua máscara e finge que está tudo bem, sem malícia e preconceito. É um local de liberdade, e talvez seja por isso que esses sujeitos o procurem para ficarem à vontade e praticarem automutilação. Algumas questões possibilitaram conhecimento sobre a dinâmica subjetiva da prática, como as que indagaram “O que você sente quando está se cortando?”, “O que sente depois dos cortes?” e “Você sofre ao fazer os cortes ou depois de praticar a automutilação?”. As respostas foram diversificadas, e nelas destaca-se um tom emotivo na execução dos cortes:

Quando me corto sinto alívio como se cada coisinha que eu sentia saía por aqueles pedaços de pele aberta (ENTREVISTADO, 2021).

As questões psicológicas afetam as minorias raciais e étnicas e o lugar que ocupam socialmente. Kabengele Munanga (2003) sinaliza que vítimas de preconceito racial e discriminação recebem pouca atenção da Psicologia clínica. O autor acredita que a Psicologia brasileira tem muito a produzir para o conhecimento do racismo e suas consequências na estrutura psíquica tanto dos sujeitos alvo quanto dos perpetradores do racismo. Um dos estudantes comenta:

Depois dos cortes me sinto leve, mas alguns minutos se passam e volta tudo de novo (ENTREVISTADO, 2021).

Outro estudante relata suas dores da seguinte forma:

O que eu sinto é tão doloroso que os cortes chegam a nem doer, pois as dores dos cortes são insignificantes perto do que eu tenho por dentro (ENTREVISTADO, 2021).

A dor psíquica, a fragilidade emocional das vítimas da automutilação/racismo é chocante e impacta todos que se dispõem a conhecer e buscar ajuda necessária para esse problema de saúde pública. Tendo como base o grande impacto do racismo na saúde mental, como reconhecido pela Organização Mundial de Saúde - OMS e pelo Ministério da Saúde, potencializa-se o sofrimento psíquico negro. A discriminação, a opressão e a humilhação social são frutos das desigualdades impostas na sociedade sobre as classe e gênero no país. Tal existência gera questionamentos a respeito das memórias raciais e étnicas. Isso é evidenciado na fala do entrevistado, como podemos observar:

Alívio, tristeza e decepção (ENTREVISTADO, 2021).

Quando abordados sobre o que sentem quando fazem os cortes, os estudantes relatam um misto de sentimentos. O processo de colonização deixou marcas profundas nos sujeitos negros, e o sofrimento é um peso que as novas gerações de indivíduos convivem na forma de exploração. Os danos causados pelas mazelas que esses indivíduos passam deixam cicatrizes abertas de dor infinita, e que pode ser causada por questões familiares, sociais e raciais:

Eu sentia dor, e essa dor me fazia esquecer um pouco do vazio que sentia por não ter minha mãe por perto (ENTREVISTADO, 2021).

A fala do entrevistado evidencia que existem dores internas maiores que as dos próprios cortes. O abandono familiar, o desamor e o desvalor desses indivíduos levam eles a buscar alívio na automutilação. Acompanhando outro relato:

Depois que eu fazia eu sentia uma dor e chorava até dormir (ENTREVISTADO, 2021).

Esses sujeitos não distinguem mais a dor, o sofrimento, e acreditam que a prática das lesões é o que resta para suas fugas emocionais. O racismo estrutural atinge o psicológico das pessoas negras de forma tão intensa que as leva a se sentirem inferiorizadas. O pensamento limita as escolhas na vida e influencia a tomar decisões complexas para si mesmas como a automutilação. Podemos perceber esse sentimento nas seguintes palavras:

Sinto alívio, não sinto dor. É bom, porque muitas vezes não conseguimos liberar toda raiva e tudo de ruim, mesmo sendo em nós mesmos. Depois dos cortes vem a dor, o medo de ser julgada como fraca, louca entre outras coisas (ENTREVISTADA, 2021).

Os estudantes descreveram parte do que está doendo: Estudante nº 1: “medo”. Estudante nº 2: “não sei exatamente se é válido, mas sinto dor e um aperto imenso no peito”. Estudante nº 3: “acho que o resumo do que eu sinto daria um livro”. Estudante nº 4: “é uma dor de correr a alma, um vazio no peito, daí vem a ansiedade as crises, uma pessoa que se automutila não se corta pra se machucar, ela faz para aliviar sua dor”. Estudante nº 5: “minha mãe mentiu para mim para ficar com uma mulher, e na época, eu não sabia como lidar com essa questão”. Estudante nº 6: “o fato de não mim aceitarem como eu sou”.

Diante desses relatos, qual é o envolvimento dos familiares/ responsáveis? A pesquisa procurou saber qual era o membro da família/responsável que sabia do processo corporal autodestrutivo desses adolescentes. E caso alguém soubesse, quais foram as providências que tomaram para ajudar (considerando que a pessoa quis ajuda)? O que fica evidente é que os praticantes não compartilham de suas angústias ou sofrimento psíquico com seus familiares/responsáveis, mas compartilham e dividem suas angustias com os colegas, mesmo quando são em decorrência dos fatores sociais e culturais, inclusive os preconceitos e do racismo enfrentados no IME. Na sequência, temos respostas que evidenciam as dores individuais e de fundo social em relação ao processo da autolesão.

Eu não queria e não quero falar nada para ninguém, só quero sumir (ENTREVISTADO, 2021).

Eu não sei, tá indo tudo tão sei lá, depois que minha mãe morreu (em decorrência da Covid-19) está piorando. Crises aumentaram, eu tento fingir que estou bem e até brinco, mas a dor que sinto rasga tudo por dentro (ENTREVISTADO, 2021).

Aquilo que eu sinto quando alguém mim chama de cabelo de Bombril, me leva a praticar os cortes, isso é só meu, ninguém precisa saber (ENTREVISTADO, 2021).

Para Munanga (2019), o racismo brasileiro mata [...] fisicamente, como mostram as estatísticas do genocídio da juventude negra [...], mata na inibição da manifestação da consciência de todos, brancos e negros, sobre a existência do racismo em nossa sociedade”.

A pesquisa permeou muitas discussões, buscando chegar o mais próximo possível dos fatores sociais tidos como desencadeantes das práticas automutilatórias. Percorremos vias não só sociais, mas também canais psíquicos, culturais e orgânicos da vivência desses adolescentes negros que foram atores centrais para a idealização e a materialização dessa pesquisa. Para caminhar nesse entrecruzamento, tivemos que decodificar o universo desses sujeitos para entender de que forma o corpo sistematiza e codifica as marcas das suas vidas e como se movimenta de forma não-verbal, transformando-se em uma ferramenta de comunicação.

Considerações finais

Este estudo norteou-se pelo questionamento sobre os estudantes negros/as que praticam a automutilação decorrente do racismo no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne. Em que medida o perfil socioeconômico e étnico-racial se relaciona com a automutilação no IME? A partir das entrevistas, identificou-se que os adolescentes negros que estavam ou estão envolvidos com a automutilação precisam de acompanhamento psicológico, mas os seus familiares/ responsáveis não têm condições de pagar um psicólogo, e que o IME deveria assumir a responsabilidade de acolher esses jovens para um acompanhamento junto a psicopedagoga da instituição. O corpo diretivo, assim como a coordenação, em conjunto com os professores e toda a comunidade escolar, precisam criar ações de combate ao racismo e a automutilação, bem como planejar soluções, por meio de capacitação junto ao corpo docente, envolvendo todos os setores da escola.

O racismo produz cicatrizes psicológicas profundas no sujeito que pode resultar na automutilação com marcas dilatadas no psicológico e no corpo do sujeito. Adoece a mente e conseqüentemente alimenta o ódio e a angústia. Quando um adolescente jovem não compartilha suas frustrações, decepções e angústias com seus familiares/responsáveis, certamente irá em busca de uma válvula de escape, e muitos estão buscando e encontrando a saída para essas problemáticas através da automutilação. Isso ajuda a refletir como é conviver cotidianamente com o racismo dentro de um ambiente escolar; e que ele pode desencadear várias situações traumáticas no sujeito, que na maioria das vezes, faz o indivíduo permanecer no lugar do sofrimento, da angústia, da dor, e não consegue entender o que está acontecendo com ele.

As populações vulneráveis são as mais atingidas por não ter poder financeiro para contratar os serviços de um terapeuta ou psicólogo/a para ajudar seus filhos, por isso o profissional com potencial de ajuda nesse caso é a ponte de diálogo com os familiares/responsáveis, os indivíduos precisam falar sobre seus sentimentos para que não se automutilem. A automutilação dentro do âmbito escolar não pode ser observada como um simples problema sem solução. O assunto é complexo, precisa ser encarado com seriedade e analisado a partir da probabilidade de que diariamente surjam mais casos em toda a esfera social, e na escola não é diferente, pois é uma extensão da sociedade. A multidisciplinaridade é um processo sistematizado de interface entre a Psicologia, a Assistência Social e a Educação, para que juntas possam detectar esse quadro patológico, incluindo a prevenção, promoção, recuperação e manutenção da saúde psicológicas dos estudantes negros envolvidos com a prática da automutilação.

Esse assunto tem ganhado destaque no Brasil, mas ainda precisa ser priorizado, discutido e visibilizado, para que possamos quebrar tabus e preconceitos. Quanto mais cedo fomentarem ações e decisões sobre a temática, aumentaram as chances dos jovens negros na escola de se recuperar e ter uma vida saudável com qualidade, sem a violência do racismo e do preconceito. Cada vez mais serão necessários estudos que possam expor a automutilação sobre a população negra, para, a partir daí, criar uma cultura de combate a autolesão nas unidades escolares de todo o país. Assim, teremos melhores condições de conhecer, expor e discutir o que é a automutilação e como podemos enfrentar e combater essa prática.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

AMERICAN Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CORREIA, Anderson. **Inglês: dicionário escolar**. Blumenau: Vale das Letras, 2010.

CUKIERT, Michele. **Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana**. São Paulo: EDUSP, 2004.

DAVIS, Jeanie Lerche. Cutting & Self-Harm: Warning Signs and Treatment. 2005. Disponível em: <<http://www.webmd.com/mental-health/features/cutting-self-harm-signs-treatment>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renata da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAVAZZA, A.R. **Bodies under siege: self-mutilation and body modification in culture and psychiatry**. Baltimore: JHV the Johns Hopkins, University Press; 1987.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

JESUS, A. C. **A automutilação como consequência do racismo entre os muros da escola**. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais) – PPGER/UFESB, Itabuna, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismos na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. CID-10: **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev., 2008. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ROSS, R.R.; McKay H. B. **Self-mutilation**. Toronto: Lexington Books, 1979.

SILVA, M. P. **Automutilação na adolescência: o acesso a tratamento médico como direito fundamental**. 2012. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <<http://www.mtuadosmagistrados.com.br/sitemutua/wp-content/uploads/2014/07/AUTOMUTILACAONAADOLESCENCIA.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2021.